

Cinderela

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

A mulher de um homem rico adoeceu. Ao sentir que seu fim se aproximava, chamou a única filhinha para junto da cama e disse: “Querida filha, continue piedosa e boa. Assim, o bom Deus sempre a ajudará, e eu olharei por você lá do céu e estarei ao seu redor.” Então fechou os olhos e morreu. A menina ia todos os dias ao túmulo da mãe, chorava e continuava piedosa e boa. Quando chegou o inverno, a neve cobriu o túmulo com um lencinho branco. Na primavera, depois que o sol o retirou de novo, o homem tomou outra mulher.

A mulher trouxe para casa duas filhas, belas e brancas de rosto, mas feias e negras de coração. Começou então um tempo terrível para a pobre enteada. “Essa gansa boba vai ficar sentada conosco na sala?”, diziam. “Quem quer comer pão precisa merecê-lo. Fora daqui com a criada da cozinha!” Tiraram-lhe as roupas bonitas, vestiram nela uma velha bata cinzenta e lhe deram sapatos de madeira. “Vejam só a orgulhosa princesa, como está enfeitada!”, gritavam, rindo, e a levaram para a cozinha. Ali, ela tinha de fazer trabalhos pesados de manhã até a noite: levantar antes de amanhecer, carregar água, acender o fogo, cozinhar e lavar. Além disso, as irmãs lhe causavam todos os sofrimentos imagináveis, zombavam dela e despejavam ervilhas e lentilhas nas cinzas, obrigando-a a ficar sentada, separando-as outra vez. À noite, quando estava exausta de tanto trabalhar, não ia para uma cama: precisava deitar nas cinzas, junto ao fogão. E, como por isso estava sempre empoeirada e suja, passaram a chamá-la de Cinderela.

Certa vez, o pai quis ir a uma feira e perguntou às duas enteadas o que deveria trazer para elas. “Roupas bonitas”, disse uma; “pérolas e pedras preciosas”, disse a outra. “E você, Cinderela”, perguntou ele, “o que quer ganhar?” “Pai, quebre para mim o primeiro ramo que bater no seu chapéu quando estiver voltando para casa.” Ele comprou roupas bonitas, pérolas e pedras preciosas para as duas irmãs. No caminho de volta, ao passar a cavalo por um arbusto verde, um ramo de aveleira roçou nele e lhe derrubou o chapéu. Ele quebrou o ramo e o levou consigo. Quando chegou em casa, deu às enteadas o que haviam pedido e entregou a Cinderela o ramo da aveleira. Cinderela agradeceu, foi ao túmulo da mãe e plantou ali o ramo. Chorou tanto que as lágrimas caíram sobre ele e o regaram. O ramo cresceu e se tornou uma bela árvore. Cinderela ia até ela três vezes por dia, chorava e rezava. Todas as vezes, um passarinho branco pousava na árvore e, quando ela expressava um desejo, o passarinho lhe jogava o que havia pedido.

Aconteceu que o rei organizou uma festa que deveria durar três dias. Todas as belas moças do país foram convidadas, para que seu filho pudesse escolher uma noiva. As duas irmãs ficaram muito contentes ao saber que também deveriam comparecer. Chamaram Cinderela e disseram: “Penteie nossos cabelos, escove nossos sapatos e aperte nossas fivelas. Vamos à festa no castelo do rei.” Cinderela obedeceu, mas chorou, pois também gostaria muito de ir dançar, e pediu à madrasta que deixasse. “Você, Cinderela”, disse ela, “coberta de poeira e sujeira, quer ir à festa? Não tem roupas nem sapatos e quer dançar!” Como a menina continuasse a implorar, ela disse por fim: “Despejei uma tigela de lentilhas nas cinzas. Se conseguir separar todas em duas horas, poderá ir conosco.” A menina saiu pela porta dos fundos para o jardim e chamou: “Pombinhas mansas, rolinhas, todos os passarinhos debaixo do céu, venham me ajudar a separar:

*as boas na panelinha,
as ruins no papinho.”*

Duas pombinhas brancas entraram pela janela da cozinha; depois vieram as rolinhas e, por fim, todos os passarinhos debaixo do céu chegaram voando e esvoaçando e pousaram ao redor das cinzas. As pombinhas balançavam a cabeça e começaram: pic, pic, pic, pic. Os outros também começaram: pic, pic, pic, pic, e puseram todos os grãos bons na tigela. Mal se passara uma hora, já haviam terminado e voaram todos para fora outra vez. A menina levou a tigela à madrasta, contente, acreditando que agora poderia ir à festa. Mas ela disse: “Não, Cinderela, você não tem roupas e não sabe dançar. Só vão rir de você.” Como a menina chorasse, ela disse: “Se conseguir separar para mim duas tigelas cheias de lentilhas das cinzas em uma hora, poderá ir conosco.” E pensou: “Isso ela nunca conseguirá.” Depois que despejou as duas tigelas de lentilhas nas cinzas, a menina saiu pela porta dos fundos para o jardim e chamou: “Pombinhas mansas, rolinhas, todos os passarinhos debaixo do céu, venham me ajudar a separar:

*as boas na panelinha,
as ruins no papinho.”*

Duas pombinhas brancas entraram pela janela da cozinha, depois vieram as rolinhas e, por fim, todos os passarinhos debaixo do céu chegaram voando e esvoaçando e pousaram ao redor das cinzas. As pombinhas balançavam a cabeça e começaram: pic, pic, pic, pic. Os outros também começaram: pic, pic, pic, pic, e puseram todos os grãos bons nas tigelas. Antes de passar meia hora, já haviam terminado e voaram todos para fora outra vez. A menina levou as tigelas à madrasta, contente, acreditando que agora poderia ir à festa. Mas ela disse: “Não adianta nada. Você não vai conosco, porque não tem roupas e não

sabe dançar. Teríamos vergonha de você.” Deu-lhe as costas e saiu apressada com suas duas filhas orgulhosas.

Quando já não havia ninguém em casa, Cinderela foi ao túmulo da mãe, debaixo da aveleira, e chamou:

*“Arvorezinha, balance e se sacuda,
jogue ouro e prata sobre mim.”*

O passarinho lhe jogou um vestido de ouro e prata e sapatinhos bordados com seda e prata. Ela vestiu a roupa às pressas e foi à festa. As irmãs e a madrasta não a reconheceram e acharam que devia ser uma princesa de outro lugar, tão bonita ela estava com o vestido dourado. Nem pensaram em Cinderela: acreditavam que estivesse em casa, na sujeira, separando lentilhas das cinzas. O filho do rei veio ao encontro dela, tomou-a pela mão e dançou com ela. Não queria dançar com mais ninguém e não lhe soltava a mão. Quando outro vinha convidá-la, dizia: “Esta é minha dançarina.”

Ela dançou até anoitecer e então quis voltar para casa. Mas o filho do rei disse: “Vou com você, vou acompanhá-la”, pois queria ver a que família pertencia aquela bela moça. Ela, porém, escapou dele e entrou de um salto no pombal. O filho do rei esperou o pai chegar e lhe disse que a moça desconhecida havia saltado para dentro do pombal. O velho pensou: “Será que é Cinderela?” Tiveram de lhe trazer machado e picareta para que pudesse despedaçar o pombal, mas não havia ninguém lá dentro. Quando entraram em casa, Cinderela estava deitada nas cinzas com suas roupas sujas, e uma fraca lamparina de óleo ardia na chaminé. Ela havia saltado depressa pela parte de trás do pombal e corrido até a aveleirinha. Ali, tirara as belas roupas e as colocara sobre o túmulo; o passarinho as levava outra vez. Depois, de bata cinzenta, sentara-se na cozinha, nas cinzas.

No dia seguinte, quando a festa recomeçou e os pais e as irmãs já haviam saído outra vez, Cinderela foi até a aveleira e disse:

*“Arvorezinha, balance e se sacuda,
jogue ouro e prata sobre mim.”*

O passarinho lhe jogou um vestido ainda muito mais suntuoso que o do dia anterior. Quando ela apareceu na festa com aquele vestido, todos ficaram admirados com sua beleza. O filho do rei esperara por ela, tomou-a logo pela mão e dançou somente com ela. Quando os outros vinham convidá-la, dizia: “Esta é minha dançarina.” Ao anoitecer, ela quis ir embora. O filho do rei a seguiu para ver em que casa entrava, mas ela escapou dele e correu para o jardim atrás da casa. Ali havia uma grande e bela árvore, carregada das mais magníficas peras. Ela subiu pelos galhos tão depressa quanto um esquilo, e o filho do rei não soube onde havia se metido. Esperou o pai chegar e lhe disse: “A moça desconhecida escapou de mim, e acho que subiu na pereira.” O pai pensou: “Será que é Cinderela?” Mandou buscar o machado e derrubou a árvore, mas não havia ninguém nela. Quando chegaram à cozinha, Cinderela estava deitada nas cinzas como sempre: havia descido da árvore pelo outro lado, devolvido as belas roupas ao passarinho na aveleirinha e vestido sua bata cinzenta.

No terceiro dia, depois que os pais e as irmãs saíram, Cinderela voltou ao tumulto da mãe e disse à arvorezinha:

*“Arvorezinha, balance e se sacuda,
jogue ouro e prata sobre mim.”*

O passarinho lhe jogou um vestido tão magnífico e reluzente como nenhum que ela tivera antes, e os sapatinhos eram inteiramente de ouro. Quando chegou à festa com aquele vestido, ninguém sabia o que dizer de tanta

admiração. O filho do rei dançou somente com ela e, quando alguém a convidava, dizia: “Esta é minha dançarina.”

Ao anoitecer, Cinderela quis ir embora, e o filho do rei quis acompanhá-la. Ela, porém, escapou tão depressa que ele não pôde segui-la. Mas o filho do rei havia usado de astúcia: mandara cobrir toda a escadaria com pez. Quando a menina desceu correndo, seu sapatinho esquerdo ficou preso. O filho do rei o apanhou: era pequeno, delicado e inteiramente de ouro. Na manhã seguinte, levou-o ao homem e disse: “Nenhuma outra será minha esposa senão aquela em cujo pé este sapato de ouro servir.” As duas irmãs ficaram contentes, porque tinham pés bonitos. A mais velha levou o sapato para o quarto e quis experimentá-lo, com a mãe ao lado. Mas não conseguia enfiar o dedão, pois o sapato era pequeno demais. A mãe lhe deu uma faca e disse: “Corte o dedo. Quando for rainha, não precisará mais andar a pé.” A moça cortou o dedo, forçou o pé dentro do sapato, conteve a dor e foi ao encontro do filho do rei. Ele a tomou como noiva, colocou-a no cavalo e partiu com ela. Mas tiveram de passar pelo túmulo, onde as duas pombinhas estavam na avelerinha e chamaram:

*“Rucu-di-gucu, rucu-di-gucu,
há sangue no sapato:
o sapato é pequeno demais,
a noiva certa ainda está em casa.”*

Ele olhou para o pé dela e viu o sangue jorrar. Virou o cavalo, levou a falsa noiva de volta para casa e disse que não era a certa: a outra irmã deveria experimentar o sapato. Ela foi para o quarto e conseguiu enfiar os dedos, mas o calcanhar era grande demais. A mãe lhe deu uma faca e disse: “Corte um pedaço do calcanhar. Quando for rainha, não precisará mais andar a pé.” A moça cortou um pedaço do calcanhar, forçou o pé dentro do sapato, conteve a

dor e foi ao encontro do filho do rei. Ele a tomou como noiva, colocou-a no cavalo e partiu com ela. Ao passarem pela avelerinha, as duas pombinhas estavam nela e chamaram:

*“Rucu-di-gucu, rucu-di-gucu,
há sangue no sapato:
o sapato é pequeno demais,
a noiva certa ainda está em casa.”*

Ele olhou para o pé dela e viu o sangue sair do sapato e subir pelas meias brancas, que estavam inteiramente vermelhas. Virou o cavalo e levou a falsa noiva de volta para casa. “Esta também não é a certa”, disse. “Não têm outra filha?” “Não”, disse o homem. “Da minha falecida mulher só resta uma Cinderela pequena e mirrada. Não pode ser a noiva de jeito nenhum.” O filho do rei pediu que a mandassem subir, mas a mãe respondeu: “Ah, não, ela é suja demais, não pode aparecer.” Ele, porém, insistiu, e tiveram de chamar Cinderela. Primeiro ela lavou bem as mãos e o rosto, depois foi até o filho do rei e se inclinou diante dele. Ele lhe entregou o sapato de ouro. Ela se sentou num banquinho, tirou o pé do pesado sapato de madeira e o pôs no sapatinho, que lhe serviu como uma luva. Quando ela se levantou e o rei lhe olhou o rosto, reconheceu a bela moça com quem havia dançado e exclamou: “Esta é a noiva certa!” A madrasta e as duas irmãs se assustaram e ficaram pálidas de raiva. Ele, porém, colocou Cinderela no cavalo e partiu com ela. Ao passarem pela avelerinha, as duas pombinhas brancas chamaram:

*“Rucu-di-gucu, rucu-di-gucu,
não há sangue no sapato:
o sapato não é pequeno demais,
ele leva para casa a noiva certa.”*

Depois de dizerem isso, as duas desceram voando, pousaram nos ombros de Cinderela, uma à direita, outra à esquerda, e ali ficaram.

Quando chegou a hora do casamento com o filho do rei, as falsas irmãs vieram querendo agradar e participar da felicidade dela. Ao irem os noivos para a igreja, a mais velha estava à direita e a mais nova à esquerda. As pombas arrancaram, a bicadas, um olho de cada uma. Depois, quando saíram, a mais velha estava à esquerda e a mais nova à direita: as pombas arrancaram, a bicadas, o outro olho de cada uma. Assim, foram castigadas por sua maldade e falsidade com a cegueira pelo resto da vida.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Produção: Bons Filhos Educação

Revisão: Codex · revisão independente por IA

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/cinderela>